

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
FACULDADE DE LETRAS

O NARRADOR PÓS-MODERNO NAS OBRAS DE CAROLINA DE JESUS

RAQUEL ROSA DA SILVA RODRIGUES

Rio de Janeiro

2024

RAQUEL ROSA DA SILVA RODRIGUES

O NARRADOR PÓS-MODERNO NAS OBRAS DE CAROLINA DE JESUS

Monografia submetida à Faculdade de Letras
da Universidade Federal do Rio de Janeiro,
como requisito parcial para a obtenção do
título de Bacharel em Letras: Português-
Literaturas de Língua Portuguesa.

Orientador: Prof. Dr. Bernardo Carvalho
Oliveira

Rio de Janeiro

2024

RAQUEL ROSA DA SILVA RODRIGUES

112177521

O NARRADOR PÓS-MODERNO NAS OBRAS DE CAROLINA DE JESUS

Data de Avaliação:

Banca Examinadora:

_____ NOTA:

_____ NOTA:

MÉDIA:

Rio de Janeiro

2024

Ao meu amado marido.

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, a Deus por ser o Amigo que nunca me desamparou.

À minha mãe Josy, mareense, que mesmo sendo impedida de estudar e trabalhar por seu pai e marido, sempre nos incentivou para que nos tornássemos mulheres independentes.

Ao meu marido e melhor amigo, Hugo Henrique, pela compreensão e paciência demonstrada durante o período do projeto, nunca me deixando desistir.

Agradeço ao meu orientador e professor Bernardo por aceitar conduzir o meu trabalho de pesquisa, com paciência e muita competência.

Também agradeço à minha irmã e médica em veterinária Ruth Rosa que sempre me incentivou a iniciar a vida acadêmica, ainda que um pouco mais tarde que o habitual, nos proporcionando, mais uma vez, o prazer de dizer: A FAVELA VENCEU!

RESUMO

O presente trabalho apresenta como tema central o estudo da literatura de Carolina Maria de Jesus a partir da concepção de "narrador pós-moderno" elaborada por Silviano Santiago. Nesta análise, argumentamos que a literatura de Carolina de Jesus não só manifesta algumas características do narrador pós-moderno, como também inaugura um novo conceito de narração. A partir dessas análises, consideramos também a concepção de Michel Foucault sobre o "indivíduo moderno", a fim de demonstrar que a escritora também expressa em seus textos um narrador que se aproxima e se distancia, ao mesmo tempo, da ideia foucaultiana. Além disso, evidenciamos uma ambigüidade no narrador nos textos de Carolina que, ora apresenta uma subjetividade individualizada, ora manifesta uma coletividade, tanto nas relações expressas a partir do ponto de vista da observação do narrador, quanto na descrição de suas vivências enquanto mulher negra, mãe, trabalhadora e periférica, que ao escrever sobre si, deu voz a todos esses grupos silenciados na literatura brasileira.

Palavras-chave: Carolina de Jesus. Narrador pós-moderno. Indivíduo moderno. Silviano Santiago. Michel Foucault.

ABSTRACT

This final paper presents a study of Carolina Maria de Jesus' literature based on the concept of the "postmodern narrator" developed by Silviano Santiago. In this analysis, we argue that Carolina de Jesus' literature not only manifests some characteristics of the postmodern narrator, but also inaugurates a new concept of narrative. Based on these analyses, we also consider Michel Foucault's concept of the "modern individual", in order to demonstrate that the writer also expresses in her texts a narrator who approaches and distances himself from Foucault's idea. In addition, we highlight an ambiguity in the narrator in Carolina's texts, who sometimes presents an individualized subjectivity, sometimes manifests a collectivity, both in the relationships expressed from the narrator's observational point of view, and in the description of her experiences as a black woman, mother, worker and peripheral, who, by writing about herself, gave voice to all these groups silenced in Brazilian literature.

Keywords: Carolina de Jesus. Postmodern narrator. Modern individual. Silviano Santiago. Michel Foucault.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	10
2. O QUE É MODERNIDADE?	11
3. O NARRADOR PÓS-MODERNO	14
3.1 As obras de Carolina	16
3.2 O narrador e o objeto narrado	18
4. CONCEPÇÃO DO INDIVÍDUO MODERNO	20
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	21

“Estamos vivendo um momento único em nossa história literária, momento em que grupos até então excluídos do contato com a literatura, da leitura e, principalmente, da produção literária, estão se apropriando desse espaço majoritariamente branco e altamente elitizado. Podemos dizer que esse processo tem um marco fundador, um momento altamente simbólico em que vemos a literatura negra sendo forjada no fogo e nos moldes da pobreza e abandono. Longe da academia e do cânone, é no lamaçal da favela, em um barraco de tábuas, cercada pela fome, que vemos surgir o primeiro grande sucesso dessa literatura.”

Mariana Santos de Assis, 2014.

1. INTRODUÇÃO

Carolina Maria de Jesus, mineira nascida em 1914, foi uma das primeiras escritoras negras do Brasil, e também é considerada uma das mais importantes escritoras do país, e cada dia se torna mais conhecida. Era de família humilde e por isso mudou-se para São Paulo, em 1947. Estudou pouco na sua cidade natal, mas por ser uma leitora voraz, tomou o hábito de escrever, iniciando assim a sua trajetória como escritora memorialista.

Carolina passou a registrar o cotidiano da favela do Canindé (uma das primeiras favelas da maior cidade do país) em cadernos que encontrava no lixo, onde recolhia materiais recicláveis para vender e sustentar seus três filhos. A partir destes diários foi criado o seu primeiro livro *Quarto de despejo: diário de uma favelada*, obra pela qual a escritora ficou conhecida, vendendo muitos exemplares após ser descoberta pelo jornalista Audálio Dantas, em 1950, tornando-se referência de ativismo feminino e negro na literatura brasileira, mesmo que sem intenção.

Mariana Santos de Assis, ensaísta da Unicamp, afirma que o desejo de Carolina nunca foi ser ativista negra, e sim poetisa, e que usava a escrita para fugir da sua realidade, e devido a isto “*acabou se tornando um símbolo da luta das mulheres negras e pobres por sobrevivência, respeito e humanidade*”[p.52]¹. Carolina vendeu milhões de exemplares de seu primeiro livro e se tornou uma poetisa, finalmente, mas as suas contribuições para a literatura brasileira são pouco comentadas. As dificuldades que Carolina enfrentou enquanto mulher negra e pobre é que são, primeiramente, colocadas em maior evidência, enquanto que a sua literatura é pouco valorizada.

Nós encontramos nas obras dessa incrível escritora uma narração que discorre tanto pela observação, pela qual o narrador apenas descreve uma ação, quanto pelas experiências de outros, transmitindo um saber apreendido através da vivência de terceiros. Essas características são apresentadas por Silviano Santiago, em *O narrador pós-moderno*, as quais vamos chamar de perspectivas narradoras. Observaremos que, além dessas perspectivas de Santiago, há uma outra apresentada e inaugurada por Carolina: a de quem conhece a vida na favela, de quem conhece a vida enquanto mãe e mulher negra, e enquanto escritora, com breve acesso à educação básica, que não se

resignou ao seu futuro esperado por todos e nem pelos rechaços à sua escrita, mas lutou e persistiu no seu sonho de ser uma poetisa reconhecida.

Observaremos, também, uma conexão com os textos de Michel Foucault acerca do sujeito moderno. Nele, o filósofo afirma existir uma identidade própria, que não mais depende de forças fora dele mesmo, mas de forças oriundas de si para si. Ou seja, esse sujeito não é mais um produto dessas relações de poder infinitas, pois sua identidade moderna se reconhece em si mesma como potência e limite. Essa concepção do indivíduo moderno é extravasada nos textos de Carolina quando ela dá ao narrador a capacidade de percorrer caminhos de experiências racionais e também afetuosas, individualistas e, ao mesmo tempo, extremamente coletivas.

O presente trabalho tem por finalidade demonstrar que antes da concepção de narrador pós-moderno, Carolina já apresentava algumas dessas características na obra *Quarto de despejo: diário de uma favelada*, de 1960, ora se aproximando do narrador, ora se distanciando dele. Utilizaremos, também, as obras *Favela* e *Onde estaes Felicidade?* Para demonstrar como a escritora muda constantemente essas perspectivas narradoras pensadas por Silviano Santiago, e ainda inaugura uma terceira perspectiva, que incide sobre a questão da subjetividade contemporânea, se aproximando da concepção foucaultiana sobre o indivíduo moderno.

2. O QUE É MODERNIDADE?

Para uma melhor compreensão das questões a respeito do narrador pós-moderno sobre as quais discutiremos neste trabalho, precisaremos recorrer às definições, atuais ou não, existentes na palavra *modernidade* e no conceito estabelecido por *movimento modernista*. O que é modernidade? Qual é a concepção de modernidade que existiu/existe até hoje?

Ampliação, destruição, revolução, subversão, transformação, inusitado, personalizado, personalizável! Estas são algumas das várias palavras - com “mesmo” significado - que automaticamente emergem em nossas mentes quando ouvimos ou pensamos em moderno. Num primeiro momento, significa ser aquele que rompe com uma determinada lógica e tradição. Tradição esta desfrutada pelos modelos artísticos

convencionais que artistas de determinado tempo definem o que deveria e o que não deveria ser no cenário artístico. Portanto, não é tranquilamente que movimentos modernos emergem em meio a um contexto totalmente adverso aos valores que traz, mas imediatamente ganha críticas ferozes.

No Brasil não foi diferente. A essas críticas cruéis o próprio Oswald de Andrade denominou de “*acanhamento de nossa vida artística*”. O modernismo tem um caráter demolidor de tudo aquilo que já configura-se firmado e definido de uma época em questão. Aqui, da mesma forma suscitou a antipatia da elite brasileira que não caiu de prontidão às graças do movimento, afinal, já estava acostumada à ordem da formalidade, da métrica, da rima... Mesmo que tenha sido com o auxílio (direto ou indireto) de integrantes desta mesma elite que a Semana de Arte Moderna – marco do início do Modernismo brasileiro – aconteceu.

Baudelaire, segundo Michel Foucault no texto *São as luzes*, não trata a modernidade apenas como uma ruptura da tradição como é comumente considerada, mas sim como “*assumir uma determinada atitude em relação a esse movimento*” (p. 34, *As luzes*), que é perpétuo. Então, essa atitude consiste em recuperar algo eterno para além desse instante, heroificando o presente sem a intenção de perpetuá-lo. Porém a modernidade para Baudelaire não está somente nessa relação com o presente, está também na busca do homem moderno para descobrir a si mesmo e sua verdade, pois a modernidade não o liberta, e sim o impõe a elaboração de si mesmo, e mais a frente apontaremos essa mesma relação nas obras de Carolina. Ao final, Foucault afirma que apenas na arte nos é possível observar tudo isso.

O homem moderno, para Baudelaire, não é aquele que parte para descobrir a si mesmo, seus segredos e sua verdade escondida; ele é aquele que busca inventar-se a si mesmo. Essa modernidade não liberta o homem em seu ser próprio; ela lhe impõe a tarefa de elaborar a si mesmo. (FOUCAULT, 1984, p. 344)

Podemos ver que Kant, nesse mesmo texto, define o indivíduo moderno numa espécie de ambivalência no iluminismo, assumindo um lado que designa um momento histórico, e por outro lado, uma atitude subjetiva. Ambos são marcados por um processo que chamamos de emancipação ou maioridade da razão, ou seja, “as luzes” é o momento histórico em que a razão humana deixa de depender de uma autoridade, seja a autoridade religiosa, seja a autoridade real. A razão humana não depende mais de um rei, nem de um padre, ela depende dela mesma. Ela não está mais na religião, e sim,

dentro do próprio indivíduo. Esse sujeito moderno é aquele que a razão o faz dono de si mesmo, o tornando sujeito emancipado.

Se voltarmos um pouco para lembrar o século XIX, que foi o século da industrialização, da acomodação nos valores de uma vida burguesa, o burguês, dentro do sistema feudal, foi uma espécie de retrocesso, pois não pertencia à estrutura socioeconômica da época, e por isso, era visto de modo negativo pela aristocracia, a sua vida só se expande e consolida a partir da Revolução Francesa, que foi a derrocada da realeza e do religioso por um regime republicano. Regime este que é regido pelas decisões individuais e coletivas da sociedade. Esse indivíduo assume um lugar político. Este é o grande marco histórico na Revolução Francesa: a burguesia assume politicamente o poder. Podemos dizer que aí o indivíduo se torna a unidade mínima do social no lugar das classes, das famílias, que após a Revolução Francesa recebe outra configuração.

Kant, ao pensar esse estado de emancipação, vai entender que só é possível a partir de uma determinada crise. O Iluminismo é exatamente isso, a saída da minoridade para uma maioria, ou seja, o homem não precisa mais de uma autoridade, agora ele é dono de sua própria consciência, porque a razão está dentro dele mesmo, e é ela que convive com ele, assim, rompendo totalmente com o pensamento religioso, não há mais verdades absolutas. A crise é uma coisa que acomete alguém, que faz alguém sofrer, mas por outro lado, há a crise que é criada por um alguém crítico. Ela é uma atividade da crítica, e ocorre quando o homem assume a função de criar a crise de valores.

Os valores entram em crise na medida em que o homem exercita um pensamento crítico. A passagem dessa emancipação da razão corresponde à passagem de uma razão teológica a uma razão antropológica, como já citado aqui. A razão humana deixa de ser uma coisa conturbada para ser uma razão que é uma prática, uma atividade. Deste modo, podemos considerar, então, o moderno como uma crise criada, que para além da ruptura da tradição, estabelece ao homem uma nova construção de si? É uma das questões que tentaremos responder no presente trabalho.

Foucault, sobre o texto de Kant, questiona se a modernidade não nos poderia ser encarada mais como uma atitude, que envolveria pensar, sentir, agir e conduzir de determinado modo, do que como um período histórico que precede e antecede uma

época. Essas ações, que ele denomina por *atitudes*, são essenciais para entender as relações existentes nos comportamentos da modernidade e da contramodernidade [p. 341, 342]. Do mesmo modo, Carolina de Jesus traz uma revolução estética nos seus textos, que rompe com os conceitos ultrapassados do conservadorismo canônico, inaugurando uma nova percepção narrativa que antecede até a concepção de narrador pós-modernista de Silviano Santiago, sobre o qual falaremos a seguir.

3. O NARRADOR PÓS-MODERNO

No texto *O narrador pós-moderno*, Santiago já inicia apresentando a seguinte questão: “*quem narra uma história é quem a experimenta ou quem a vê?*”(p.44)”, e logo após propõe duas hipóteses de trabalho. A primeira é que o narrador pós-moderno narra a ação como um espectador que assiste a um espetáculo; a segunda é que o narrador pós-moderno transmite uma sabedoria adquirida por ele pela observação de uma vivência do outro. Ele usa alguns dos contos de Edilberto Coutinho – *Azeitona e Vinho* e *Sangue na Praça*, para exemplificar seus estudos. Segundo Santiago, o narrador apresenta atitude semelhante em ambos os textos: “*se subtrai da ação narrada e, ao fazê-lo, cria um espaço para a ficção dramatizar a experiência de alguém que é observado[...]*” (p.51).

O narrador de *Sangue na praça* apresenta o que Santiago afirma a respeito da observação sem relatar a sua experiência, pois não narra mergulhado nela, sua preocupação é transmitir ao leitor tudo o que acontece a sua volta. Já na cena da invasão da Arena, o jornalista – e narrador, faz questão de se aproximar da arena para ouvir o diálogo entre o toureiro e o invasor, e volta para comunicar aos que assistiam de longe. Enquanto descreve a personagem sendo atingida pelo touro e de como o sangue escorre, ao mesmo tempo transmite as reações dos que estavam assistindo, sem interromper o diálogo com Clara. O narrador tem a preocupação de não perder nenhum detalhe do que está assistindo/acontecendo.

O animal havia cravado a sua haste bem fundo na carne de Ordoñez. Todos podiam ver (Clara virou o rosto) como a penetrava firme e lentamente e de que forma o toureiro foi levantado no ar pelos fundilhos (Está se sentindo mal, querida?), enquanto o sangue escorria (ela disse, estou bem). Ficou vistosamente encharcada a seda do seu traje de luces, ouro e seda (Somente, não quero olhar agora). O sangue caía em pequenas gotas, misturando-se à areia da praça. (p. 105)

Em *Azeitona e vinho*, Santiago afirma que o narrador conta as ações vivenciadas pelo jovem toureiro, que sem narrar, tem a “sabedoria” apreendida da sua ação, mas não nos parece se tratar apenas de ações narradas por alguém que só assiste ou que transmite o que aprendeu unicamente pela observação. Há momentos em que a experiência do velho se mistura com as observações que faz sobre o toureiro jovem. É possível conhecer um pouco da sua história pela análise sobre o El Mudo. Ao alertar o jovem sobre os perigos de dentro e fora da arena, o velho mostra a sua experiência de vida, apesar de não estar detalhadamente exposta e sendo usada para transmitir uma lição ao leitor. A vivência exposta no conto aparenta ter sido experienciada, também, pelo narrador, que usa as ações de Pablo (que se assemelham às suas enquanto jovem) para apresentar sua experiência de vida e tentar evitar que El Mudo acabe como ele.

Pablito, hijo mio, posso adivinhar teu futuro e não quero que sejas outro Rafael, El Temerário mas o toureiro científico, calculista, perfeito com a espada na hora de matar. Você não, Pablito, não quero que saia de uma mesa de bar arrastando uma perna inútil. Não terá as feridas sangrentas que não saram nunca. (p. 92)

Se o narrador pós-moderno transmite “uma ‘sabedoria’ que é decorrência da observação de uma vivência alheia a ele”, e obtém conhecimento sobre determinada ação estando fora do círculo da experiência da mesma, o velho demonstra falar mais de si mesmo do que do jovem toureiro. Inclusive, a impressão que fica é que ele está olhando a todo momento para o seu próprio eu mais jovem, como em um espelho, e os conselhos são dados como que em uma tentativa de evitar um futuro já conhecido pelo observador. Nota-se que o distanciamento entre o observador e o observado se dá apenas fisicamente, ou emocionalmente do jovem para o velho. O envolvimento com que o observador descreve o toureiro demonstra uma aproximação quase que parentesca (não é o caso), como se olhasse para um filho que deseja proteger dos perigos da vida. Isto, por si só, se distancia da afirmação de Santiago:

[...] o narrador pós-moderno é aquele que quer extrair a si da ação narrada, em atitude semelhante à de um repórter ou de um espectador. Ele narra a ação enquanto espetáculo a que assiste (literalmente ou não) da platéia, da arquibancada ou de uma poltrona na sala de estar ou na biblioteca: ele não narra enquanto atuante. (SANTIAGO, 1988, P. 45)

Mesmo com esse envolvimento entre quem descreve e aquele que é descrito presente em *Azeitona e vinho*, Santiago afirma haver características do narrador pós-moderno na obra. Se observarmos mais atentamente para alguns textos de Carolina,

encontraremos mais marcadores narrativos pós-modernistas nessas obras (que serão apresentadas a seguir para uma melhor compreensão) do que nas usadas por Santiago.

3.1 As obras de Carolina

Quarto de despejo: diário de uma favelada, a primeira obra publicada de Carolina Jesus, em 1960, é um texto autobiográfico: o diário de uma mulher negra, mãe solteira e poetisa, que lutava para sobreviver e trabalhava duro para alimentar os seus filhos. Nos seus cadernos, ela descreve o seu dia a dia e dos moradores da favela do Canindé, onde residia com os seus três filhos de pais diferentes, mas era o trabalho que alimentava as crianças, pois os pais pouco ajudavam, e devido a isso passou muita dificuldade, até fome.

Em “*Favela*”, Carolina também trabalha um texto autobiográfico, relatando, inicialmente, como a favela do Canindé foi formada, no final dos anos 40. Carolina conta que os moradores residiam em outra favela de São Paulo, e em determinado dia foram informados que o dono do terreno lhes dera o prazo de 60 dias para a desocupação do mesmo. Sem ter para onde ir, eles se agitaram, pois também não tinham como pagar pelo terreno. Alguém, então, sugeriu que falassem com o Dr. Adhemar de Barros, homem conhecido por abraçar as causas dos pobres, e este prometeu: “*dentro de três dias eu arranjo lugar para voçes*”. E assim o fez.

Conseguiu com o prefeito da cidade um terreno às margens do rio Tietê, no bairro do Canindé, para abrigar os mais de mil favelados, e nesse lugar a escritora iniciou a sua trajetória. Grávida do primeiro filho, construiu o seu barraco sozinha e passou a catar papelão para sobreviver. Quando necessitava da ajuda de algum dos seus vizinhos, sempre lhe respondiam com negativas. Carolina destoava muito das demais pessoas daquela localidade. Ela não gostava das mesmas coisas que elas, odiava escândalos, e dizia que era poetiza, tendo, inclusive, saído em jornais algumas de suas obras. Engravidou mais duas vezes, de pais diferentes, mas era o seu trabalho que alimentava seus filhos, pois os pais pouco ajudavam, e devido a isso passou muita dificuldade, até fome. Muitas vezes ouviu (de pessoas de fora da favela) que era uma mulher forte, mas queixava-se que seus vizinhos só sabiam dar palpites, mas em nada a ajudavam.

O conto *Onde estaes Felicidade?* narra a história de José dos Anjos, um homem “angelical no modo de falar e tratar o próximo”, que na festa de Santo Antônio conhece Maria da Felicidade e fica encantado pela moça. Felicidade era órfã de mãe e muito ingênua, e os dois iniciam um compromisso de casar-se um dia. O pai da Felicidade fazia gosto já que José dos Anjos era um homem bom e honesto, e só isso lhe bastava. O rapaz preparou tudo para passar o resto da sua vida com a mulher amada. Casaram-se. Após cinco anos de matrimônio, apareceu um viajante vendendo roupas à porta da casa do casal. O vendedor se encantou com a moça e passou a lhe presentear com vestidos de seda, colares, peças que Maria da Felicidade nunca havia usado ou ganhado de presente. O viajante a visitava todos os dias, sempre com presentes, galanteios e promessas do que ela poderia viver e ter se fugisse com ele para a cidade.

A moça ingênua se encantou com os regalos e promessas, e pensava sempre no seu admirador, mas sentia remorso só de pensar em deixar José dos Anjos, que já percebia a mudança da amada. Em uma nova visita à moça, o viajante perguntou novamente sobre a proposta de ir embora com ele para a cidade grande, mas ela hesitou novamente, porém, ao ouvir a ameaça do homem de voltar sozinho e nunca mais vê-la outra vez, a moça implora que não o faça, pois sentiria saudade. Seu medo era que falassem mal dela por fugir com outro homem.

Então, o viajante teve a ideia de Maria da Felicidade fingir que estava louca, e disse com detalhes como a moça deveria agir. Ela obedeceu e convenceu a todos de que realmente havia perdido a sanidade, e o viajante, se passando por médium, se prontificou a dar um passe na moça, e que deveria ser internada porque estava louca. José dos Anjos se desesperou ao perceber que ficaria sem a sua amada, mas concordou que o falso médium a levasse para o hospício.

Passados alguns anos, com a saudade que lhe apertava e percebendo que a amada não retornava, foi a sua procura na cidade grande, e de hospício em hospício perguntava “*A Felicidade está aqui?*”. Todos estranhavam a pergunta, e com o passar do tempo e a falta de asseio com a sua higiene, deixando os cabelos e a barba compridos, ao fazer a mesma indagação sobre a sua Felicidade, logo já o tachavam de louco. Voltou para a sua cidade, perdeu o interesse pela vida e já desejava morrer no felizes. E lá, sentado a porta e olhando a estrada, ele permaneceu esperando a felicidade voltar, bradando algumas vezes “*Onde estaes Felicidade?*”.

3.2 O narrador e o objeto narrado

No conto de Carolina podemos perceber algumas semelhanças com o conto *Azeitona e vinho*, a começar pela freqüente mudança de distanciamento entre o narrador e “a coisa narrada”. Apesar do conto de Carolina apresentar mais das características do narrador pós-moderno, que narra como se estivesse assistindo ao espetáculo (p.45):

O pae de Felicidade ficou contente. Era o seu sonho casa-la pórque ela ja era uma moça. E tinha recêio de mórrer e ela ficar sosinha neste mundo de meu Deus. Sóube que José dos Anjos era um homem bóm. Honesto, e amigo do trabalho. E para êle o homem não precisa ser rico. Basta ser bom ja era alguma coisa de valor. Marcara o casamento para o mês de Maio. José dos Anjós queria adórnar a capela com cuias e flôres de são josé e rosas. A flôr predileta Felicidade. (JESUS, 2014, p. 15)

Há momentos em que o narrador se aproxima do objeto narrado tal qual em *Azeitona e vinho*, como se a ação tivesse sido mergulhada nas experiências do narrador:

Não existe nêste mundo, quem não acalenta um sonho intimamente. Quem não aspire possuir algo que lhe proporcione uma existência isenta de sacrifícios. E o José dos Anjos, era mêsmo angelical nos modos de falar e tratar o próximo. Era piedoso. antes de tomar uma resolução refletia profundamente. (p.14)

Nesse sentido, o conto de Carolina parece mostrar, através do narrador, uma antítese de suas experiências narradas na obra *Favela e Quarto de despejo: diário de uma favelada*. O narrador do conto descreve as ações vividas por Maria da Felicidade as quais demonstram terem sido mergulhadas nas experiências e ações de Carolina de Jesus em seus textos autobiográficos. Carolina e Maria da Felicidade aparecem fortemente como figuras antíteses, marcadas pela pobreza, mas formadas em moldes distintos. Carolina é a força: trabalhava para sobreviver, carregou tábuas de madeira e construiu o seu barraco sozinha, às custas do próprio dinheiro; Felicidade é a delicadeza, a fragilidade: a moça cuidada por seu pai e tia, ao firmar compromisso com José dos Anjos, não aparece envolvida nos preparativos, é o noivo que prepara tudo para casarem – trabalha no roçado, planta para não faltar alimento para a ambos, escolhe as flores, etc.

Carolina vive a dura realidade da miséria na cidade grande: é mãe solteira, não tem com quem deixar os filhos para trabalhar, não tem ajuda dos pais de seus filhos; Maria da felicidade vive a sonhar com as experiências maravilhosas (andar de avião, automóvel, conhecer o mundo que não sabia existir até o viajante lhe anunciar) que teria

ao fugir de casa para São Paulo. Carolina conhece a vida e os momentos difíceis que ela pode proporcionar a uma pessoa: fome, violência, medo do futuro; Felicidade é ingênua, sem conhecimento de mundo, para ela tudo o que a espera na cidade grande é um belo conto de fadas. São Paulo, para Carolina, é seu lugar de suplício, já para Felicidade é a sua oportunidade de ter uma vida maravilhosa e farta. Uma já está na cidade e conhece as dores causadas por ela, a outra está a caminho e traz na bagagem uma infinidade de expectativas, quem sabe, não eram as mesmas de Carolina a caminho de São Paulo.

O conto *Onde estaes Felicidade?* Demonstra também similaridade com um dos estágios evolutivos da história do narrador caracterizado por Walter Benjamin como o narrador jornalista, que segundo Santiago é “*aquele que só transmite pelo narrar a informação*”(p45), sem se apropriar da tradição e sem ter a pretensão de ensinar algo, como acontece no narrador clássico. Em determinados momentos, Carolina o faz também nas suas obras autobiográficas, ao descrever as ações e observações sobre terceiros.

...Tem um adolescente por nome Julião que as vezes expanca o pai. Quando bate no pai é com tanto sadismo e prazer. [...]. Bate como se estivesse batendo num tambor. O pai queria que ele estudasse para advocacia [...] Quando o Julião vai preso o pai lhe acompanha com os olhos rasos dagua. Como se estivesse acompanhando um santo no andor. O Julião é revoltado, mas sem motivo. Eles não precisa residir na favela. Tem casa no Alto de Vila Maria. (JESUS, 1960, p. 32)

Nesses momentos, podemos observar que a narração se distancia do objeto narrado, tal como Santiago descreve:

Tento uma segunda hipótese de trabalho: o narrador pós-moderno é o que transmite uma "sabedoria" que é decorrência da observação de uma vivência alheia a ele, visto que a ação que narra não foi tecida na substância viva da sua existência. (Nesse sentido, ele é o puro ficcionista, pois tem de dar "autenticidade" a uma ação que, por não ter o respaldo da vivência, estaria desprovida de autenticidade.(SANTIAGO, 1988, P. 46)

Essa aproximação e, ao mesmo tempo, distanciamento se repete constantemente quando há descrição de detalhes vividos por outras pessoas, ora vizinhos, ora conhecidos de Carolina. A descrição dessas cenas específicas são observadas e narradas de longe, de modo a comunicar o ocorrido, sem haver participação ou espelhamento no narrador, ou seja, não há uma narração mergulhada na experiência, o que ocorre são apenas detalhamentos dos fatos.

4. CONCEPÇÃO DO INDIVÍDUO MODERNO

Ao observarmos o texto de Foucault – *Subjetividade e verdade*, percebemos uma relação que abrange formas e caminhos para que o sujeito adquira experiência, também histórica, no tempo em que está, ou seja, a verdade não opera fora do sujeito, ela se situa dentro dele, nas relações do domínio de si mesmo. Essa questão foucaultiana a respeito do sujeito também aparece no texto de Gros (2016, p. 276) quando ele diz que o sujeito *"[...] não é simplesmente permeado e informado por governamentalidades externas, mas constrói, por meio de exercícios regulares, uma relação consigo definida."*

Essa concepção de Foucault nos faz entender que o processo de subjetivação não deve ser apenas considerado pelo reconhecimento do passado, mas também deve ser observado a partir de uma determinada resistência no presente. A partir disso, podemos pensar que o indivíduo moderno nasce de uma concepção individualista da razão. Santiago cita no seu texto que Walter Benjamin acreditava que nós estávamos perdendo a capacidade enquanto seres humanos de trocar nossas experiências, e que à medida que nos modernizamos mais acentuada fica essa incapacidade (p. 43).

A partir disso, podemos observar em Carolina uma certa ambigüidade entre subjetividade e coletividade, pois diferentemente do indivíduo moderno, que nasce apenas dessa concepção individualista, portadora da razão, ela demonstrava percorrer os dois caminhos: ora falando das ações alheias com racionalidade e distanciamento, ora denotando afeto e aquela capacidade de falar de suas próprias experiências, que também remontava a realidade de um coletivo. Seus textos autobiográficos não descrevem apenas a realidade de Carolina, mas de todo um grupo social. Essa propriedade de falar de sua experiência alcança também a experiência dos seus iguais, que até então, assim como ela, não recebiam a devida atenção.

Devido a isso, acreditamos que Carolina de Jesus além de caminhar entre as duas concepções de narrador pós-moderno presentes em Silviano Santiago, sobre o narrador que observa um espetáculo e sobre aquele que fala da experiência observada, ela também inaugura uma terceira via narrativa, que não só é mergulhada e retirada da

experiência do narrador, mas é a própria experiência vivida e sentida nos seus detalhes por esse narrador. Nele, Carolina não espelha apenas a sua vivência individualizada como mãe, mulher negra, periférica... vai além, carregando em cada ação descrita, em cada aspecto vivido, em cada sentimento expressado na sua escrita, um conhecimento de causa coletivo que dá voz àqueles que talvez nunca seriam ouvidos.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Dia a dia, Carolina descreve com detalhes os acontecimentos a sua volta, sejam bons ou ruins, sejam provenientes de experiências individuais ou não, a escritora parece tentar fugir do contexto em que está inserida. Como se a escrita a colocasse num lugar mais distante da realidade, como se a descrição de suas práticas diárias pela própria sobrevivência e a de sua família conseguissem subtrair o sofrimento recorrente do seu cotidiano.

Sabemos que a Literatura Canônica Brasileira não reconheceu Carolina de Jesus como escritora, talvez por estarem acostumados a uma linguagem mais normativa ou por não conseguirem lidar com a genialidade de uma mulher marginalizada pela sua cor e pela comunidade em que vivia, e descrevia. Fato é que o não reconhecimento de Carolina como escritora pelos que se julgavam conhecedores literários e com pleno poder para dizer o que era literatura ou não, ultrapassa as fronteiras de uma mera análise técnica e criteriosa do trabalho da escritora, porque se só à escrita (como conteúdo) se ativessem, não teriam motivo para desmerecê-la. Ainda assim, podemos perceber que suas obras nos apresentam características literárias presentes em textos canônicos, demonstrando outra vez a riqueza da sua escrita.

A ensaísta Geny Ferreira Guimarães diz ter havido uma tentativa de silenciamento, de anulação da escrita de Carolina de Jesus pelo cânone brasileiro, em primeiro lugar, quando as suas obras não foram reconhecidas como literatura, e depois, por meio do julgamento da sua escrita como menor, comparadas a outras, porém não obtiveram êxito. A reflexão dessa brilhante escritora enquanto ser humano, mulher negra, pobre, que desejava ter os seus direitos respeitados é, ainda, latente e faz parte da sociedade contemporânea, e não deixa a desejar se comparada a outros escritores.

Sobre a questão: podemos considerar o moderno como uma crise criada, que além de romper com a tradição, estabelece ao homem uma nova construção de si? Acreditamos que sim! Carolina é um exemplo disso. Ela teve coragem! Em uma época em que o silêncio tomava conta dos que não tinham o direito de falar respeitado, ela falou. Não desistiu de ser poetisa mesmo quando desacreditaram da sua competência, ela escreveu. Quando a sua escrita foi rechaçada e desvalorizada enquanto literatura no seu país, não deixou ser escritora, ela ganhou o mundo!

REFERÊNCIAS

JESUS, Carolina Maria de; *Onde estaes Felicidade?* - Carolina Maria de Jesus/ Dinha e Raffaella Fernandez, organizadoras. - São Paulo: Me Parió Revolução, 2014.

_____; *Favela*; São Paulo, 2014.

_____; *Quarto de despejo: diário de uma favelada*. São Paulo: Ática, 1993.

FOUCAULT, Michel. *Subjetividade e verdade: curso no Collège de France* (1980-1981). São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2016.

_____. (1984) *O Que São as Luzes?* In: Ditos e Escritos II: Arqueologia das Ciências e História dos Sistemas de Pensamento. Editora Forense Universitária, 2005.

GROS, Frédéric. Situação do curso. In.: FOUCAULT, M. *Subjetividade e verdade: curso no Collège de France* (1980-1981). São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2016.

SANTIAGO, Silviano; *O narrador pós-moderno*; in Nas malhas da Letra, 1986.

COUTINHO, Edilberto; *Sangue na praça*.

_____; *Azeitona e vinho*.